

O ADOLESCENTE DO SÉCULO XXI E OS DESAFIOS ENFRENTADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Joice Moraes dos Santos¹

Simone Alves de Medeiros²

Resumo

O presente estudo busca identificar e analisar as ações desenvolvidas no espaço escolar pela equipe pedagógica e como a mesma tem se preparado para receber o aluno do Ensino Fundamental II e os desafios enfrentados por este público no século XXI. Foi realizada pesquisa teórico-empírica no período de junho a outubro de 2019 em duas escolas do município de Volta Redonda, uma da rede Municipal de Volta Redonda e uma da rede Estadual do Rio de Janeiro que atendem turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. O estudo apontou que a escola precisa acompanhar as mudanças e ouvir urgentemente os anseios de seus alunos, pois assim a relação entre o aluno e o profissional da educação será saudável e significativa para todos. O que se busca hoje é uma escola ativa que possa fazer a diferença na vida do aluno, fazendo com que ele se sinta importante e possa ver nesta instituição não só um espaço de construção do conhecimento, mas também um espaço de diálogo e confiança.

Palavras-chave: Escola. Aprendizagem na adolescência. Afetividade. Ações pedagógicas. Equilíbrio emocional.

THE TWENTY-CENTURY TEENAGER AND THE CHALLENGES FACED IN FUNDAMENTAL EDUCATION II

Abstract

The present study seeks to identify and analyze the actions developed in the school space by the pedagogical team and how it has been preparing to receive the Elementary School II student and the challenges faced by this public in the 21st century. Theoretical-empirical research was carried out from June to October 2019 in two schools in the municipality of Volta Redonda, one in the municipal network of Volta Redonda and one in the state network of Rio de Janeiro that serve classes

¹Graduada em Pedagogia pelo UGB/FERP.

²Mestra em Educação (área de confluência: Trabalho e Educação) pela Universidade Federal Fluminense

from the 6th to the 9th grade of Elementary School II. The study pointed out that the school needs to keep up with the changes and urgently listen to the wishes of its students, as this way the relationship between the student and the education professional will be healthy and meaningful for everyone. What we are looking for today is an active school that can make a difference in the student's life, making him feel important and can see in this institution not only a space for the construction of knowledge, but also a space for dialogue and trust.

Keywords: School. Learning in adolescence. Affectivity. Pedagogical actions. Emotional balance.

Introdução

A educação básica é regida pela LDB 9394/96, sendo direito de qualquer cidadão e obrigatório a qualquer menor de idade, tendo como um dos seus objetivos o pleno desenvolvimento do educando e seu preparo para o exercício da cidadania. Podemos analisar diversos questionamentos acerca do Ensino Fundamental II, considerando seus inúmeros desafios no século XXI, necessitando, portanto, de atenção e de um estudo mais aprofundado.

A formação docente está cada vez mais precária em relação aos alunos do Ensino Fundamental II, se levarmos em conta suas constantes mudanças e transformações internas e externas. Os cursos de licenciatura trazem pouca informação de como auxiliar esse aluno, que não é criança, mas também está longe de ser um adulto.

A cada dia percebemos uma defasagem na escola em relação à formação desse adolescente. Perguntas como: Será que a escola só está preocupada em preparar seu aluno para vestibulares? A cobrança ao corpo docente só está voltada na formação conteudista deste aluno? E a escola? Só quer amenizar os conflitos e fazer com que seus alunos fiquem enfileirados em silêncio? Muitos destes questionamentos nos fazem refletir sobre qual conceito a escola tem sobre os conhecimentos que o aluno tem adquirido, e se a mesma realmente tem o tornado significativo na vida do aluno.

O presente estudo busca entender as ações pedagógicas procurando

questionar como a equipe pedagógica tem se preparado para receber esse aluno do Ensino Fundamental II, e como a mesma tem enfrentado os desafios que essa fase tem apresentado. Entender a juventude do século atual é um grande passo para resoluções de problemas. Cabe a escola ter uma visão integral do aluno, ou seja, vê-lo como sujeito por completo, não somente como “o aluno da minha escola”, mas como um cidadão que possui uma história, uma realidade e uma vivência, e que nem sempre será tão boa quanto gostaríamos.

O estudo justifica-se na medida em que o Ensino Fundamental II é o início da transição da fase de criança para a de adolescente, causando uma grande mudança na vida desses alunos, ressaltando a mais conhecida: confusão pubertária (TIBA, 2010, p. 39). A escola precisa se preparar para receber esse aluno, seja na forma de entendê-lo, como na maneira de prepará-lo para esta transição, como ingresso ao Ensino Fundamental, onde o número de professores e de disciplinas é maior, aumentando as tarefas de casa e conseqüentemente diminuindo os momentos de lazer. Nessa fase há uma grande pressão dos grupos sociais que exigem um padrão, uma forma de comportamento, que muitas vezes, não respeita o tempo do aluno. É de suma importância estudar esta fase com responsabilidade e ouvir o que este aluno quer falar, o que ele sente e o que ele espera da escola.

A adolescência no contexto histórico-social.

Podem-se observar mudanças significativas ao longo do tempo, que revelam grandes movimentos na história e que carregam consigo respostas para diversos problemas no século atual. O tratamento, o olhar e até mesmo a formação da identidade do adolescente passou por uma espécie de metamorfose, levando em consideração a evolução do mundo.

A cada dia o mundo nos apresenta coisas novas, o que hoje é atual, amanhã já terá uma forma mais atualizada daquela versão, e o objetivo é caminhar junto a essa inovação, caso contrário seremos os ditos analfabetos digitais e com isso nos tornamos cegos perante a nossa própria sociedade. É evidente que esse grande

avanço nos proporciona muitas facilidades, mas também prejuízos, pois há a necessidade de um equilíbrio para o uso da tecnologia em nossas vidas

Atualmente com mais mulheres no mercado de trabalho, as crianças vão para escolas mais novas, passando a maior parte do tempo nessas instituições e pouco tempo com os seus pais. E quando chegam a suas casas, muitos ainda deixam seus filhos em frente a uma televisão ou com celular, não tendo diálogo entre os membros da família. Além disso, podemos considerar o fato de que com a violência generalizada, as brincadeiras nas ruas e as socializações se tornaram escassas, fazendo com que o aumento do número de adolescentes presos dentro do quarto com depressão e insegurança se multiplicasse.

Em consequência dessa modernização conseguimos identificar alguns fatores prejudiciais no nosso século, como por exemplo, o adolescente de antigamente era menos ansioso e com mais estabilidade emocional nas resoluções de problemas; conseguia estruturar melhor o seu pensamento e não possuía tanta dificuldade em se comunicar pessoalmente; sem contar a gama de informações que o mesmo recebe a todo instante, e muitas vezes sem o filtro apropriado, isso acaba criando adolescentes cada dia mais reféns de um aparelho, sujeitos a diminuição da capacidade social.

Hoje a sociedade exige um padrão que acaba ferindo a maturação do adolescente, o mesmo acredita que deve se encaixar-se a este padrão e na tentativa da mesma, acaba se frustrando e se enfiando numa “caixa” que não lhe cabe. Antigamente a criança/ adolescente era visto como um adulto em miniatura, atualmente esse conceito caiu por terra, mas, ainda existem muitos adolescentes não vivendo ou não querendo viver sua fase, e a cobrança do seu futuro o faz não enxergar que ele é apenas um ser em formação, sujeito a erros que na verdade são experiências que precisam ser vivenciadas sendo parte integrante no seu desenvolvimento. As famílias se modificaram, as condutas e os valores também. A autoridade estabelecida nos lares já não é mais a mesma.

É na adolescência que o filho se lança ao mundo, e aos pais cabe torcer por ele e socorrê-lo quando preciso. Também é da responsabilidade educativa dos pais interferir quando algo não vai bem, sob pena de estarem negligenciando a educação. (TIBA, 2010, p. 31)

Segundo o dicionário Aurélio (2010) termo adolescência significa período do desenvolvimento humano definido pela transição entre a juventude e a idade adulta; fase que se inicia após a puberdade. Atualmente para ser considerado adolescente, o indivíduo deve estar dentro da idade de 12 a 18 anos, conforme consta no artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Apesar de bem conhecido atualmente, é bem recente tal reconhecimento dessa fase.

Hoje em dia esse processo é o contrário, os adolescentes passam mais tempo sem fazer nada e isso acaba gerando mentes vazias e oficinas para pensamentos negativos. A escola acaba assim se responsabilizando por esses adolescentes com o dever de proporcionar a busca de sua identidade e representação social, cumprindo muitas das vezes, a função que a família deveria assumir. Diante dessa conduta e desse jogo de responsabilidade, onde ninguém assume o papel que de fato é concebido, podemos perceber que existe uma falta de compreensão real dessa fase, seja no contexto escolar ou no contexto familiar.

O papel da escola na formação do adolescente.

Desde sempre, acreditamos que a escola é um fator crucial na vida do ser humano. Nossa primeira concepção é essa: é na escola que aprenderei a ler, a escrever, a fazer cálculos, a ingressar com êxito na vida adulta, mas se obtivermos um olhar mais apurado para tal funcionalidade da mesma, identificamos que a escola é como se fosse uma mini sociedade e que tem a capacidade de expressar muito mais do que aprendizagens cognitivas, mas também, introduz implicitamente ou explicitamente os valores morais, a resolução de conflitos, o respeito entre as diferenças, a análise crítica de si e do mundo, o direito de errar e saber lidar com erros, o direito de se posicionar, entre outros.

Sabemos que existem duas instituições fundamentais para o desenvolvimento do ser humano: a família e a escola. Na família o espaço é mais particular, os pais nunca deixarão de serem pais, mesmo que haja desentendimentos. A escola é um espaço público e faz parte desse processo de formação. Portanto, devemos analisar qual papel ela tem exercido perante seus alunos, e principalmente aos seus adolescentes com diversas turbulências emocionais, físicas e mentais. Entender que a escola é peça importante, e que ela tem o poder de contribuir para um futuro saudável, nos faz repensar todo o seu contexto.

Como já dito, o adolescente em seu desenvolvimento sofre diversas alterações: hormonal, social e na própria maneira de lidar com o mundo que está a sua volta. Muitas vezes, suas insatisfações são demonstradas através de agressividade e dificuldade em obedecer às regras, comportamento corriqueiramente rotulado como rebeldia. A escola sem preparo e saturada com determinados comportamentos acaba julgando o mesmo como um aluno rebelde, perdido e que merece ser punido. Sem perceber, contribui para que o conflito aumente e esse comportamento deixe de ser algo aceitável na idade, para uma característica permanente.

A escola deve também observar seus docentes. Sabemos que não existem muitos estudos sobre essa fase, de acordo com Meireles (2012), a falta de informação e a pouca formação para um profissional que assume o Fundamental II, ou até mesmo os que estão anos nessa fase, mas utiliza as mesmas metodologias repetidamente, acaba consequentemente alimentando o ciclo de que o nosso aluno é aquele sem limite e nunca aquele que está gritando silenciosamente por ajuda ou por atenção. Hoje é mais fácil dar ocorrência, suspensão do que usar do conflito e das escolhas erradas dos nossos alunos como um tema a ser abordado para debates e soluções. É evidente que existem casos a serem avaliados de outras maneiras, mas não podemos sempre os classificar como uma só causa. Podemos minimizar alguns conflitos sabendo solucionar de forma inteligente e sensata.

Partindo do estudo de Içami Tiba de que “o adolescente adora a escola: o que atrapalha são as aulas. Escola é lugar de reunir, fazer tumultos à porta, e não ficar sentadinhos, como “múmias” isolados nas suas carteiras.” (TIBA, 2010, p. 37).

Diante dessa afirmação, percebe-se que cabe não somente a escola, mas a todos os envolvidos, a função de exercer o papel de orientador, sendo capaz de contribuir tanto na formação intelectual, como na formação pessoal, pois muitas vezes, devido às cobranças impostas por todos que exercem uma contribuição na formação do adolescente, o mesmo chega ao ambiente escolar fragilizado fisicamente e emocionalmente. Espera-se que o adolescente obtenha resultados imediatos, porém esquecem que o mesmo necessita de apoio para que tais resultados sejam executados com progresso.

Por que o adolescente muitas vezes se identifica com os funcionários da limpeza ou da cozinha/cantina? Pois muitas vezes eles sabem ouvir os alunos; não os cobram ou fazem pressão; são gentis; e sua presença provavelmente transmite conforto de uma certa forma. Isso nos faz repensar mais uma vez sobre qual papel a escola tem exercido com seus alunos.

Sabendo que muitas vezes a escola é o único padrão de referência do adolescente, a mesma deve conhecer o público pelo qual está lidando, e até mesmo se quiser adquirir sucesso em nota, rendimento e qualidade, é necessário também cuidar de outras áreas, pois uma está ligada à outra e uma necessita da outra para que de fato o processo de aprendizagem seja significativo para todos os envolvidos.

Pensando o ensino fundamental II no século XXI.

As emoções, os conflitos e os comportamentos impulsivos, são características do comportamento adolescente. A necessidade de pertencer e de se conhecer, leva o mesmo a ter dúvidas e questionamentos sobre a sua identidade. Deve-se levar em conta de que o período da adolescência é um amadurecimento para a vida adulta, com transições que partem desde a maneira de pensar como na transformação do próprio corpo. O adolescente, além de necessitar lidar com conflitos esperados para a sua idade, também tem lidado com problemas e patologias esperadas para uma geração com mais idade. Conviver com esses conflitos, tem contribuído para que os adolescentes fiquem despreparados para a vida adulta, crescendo adultos inseguros

e vulneráveis as responsabilidades. Isso cabe a meninos e meninas, porém os conflitos de cada um variam dentro do gênero a qual o adolescente está inserido. O amadurecimento de ambos acontece em etapas diferentes, sendo para as meninas um amadurecimento mais cedo do que dos meninos. Nessa etapa, os transtornos comportamentais tem se manifestado constantemente, através da necessidade de pertencer a um grupo, onde quando não aceito, podem causar vários comportamentos como transtorno de ansiedade, agressividade, depressão, hiperatividade, e também desenvolver insatisfação com o próprio corpo, gerando doenças como obesidade e anorexia.

O adolescente manifesta diversas emoções dentro de si, e muitas vezes tais emoções permitem que o mesmo desenvolva uma insegurança onde acontece de ser cobrado constantemente pela família, os amigos, a escola, a sociedade e até pelo próprio adolescente. A cobrança da família manifesta quando a mesma anseia que o adolescente tenha um futuro exemplar, dentro dos sonhos projetados pelos pais, seja no âmbito profissional, como no pessoal.

A cobrança da escola, onde o aluno deve cumprir suas obrigações como estudar e realizar as tarefas escolares enviadas para casa acaba tornando a mesma um sistema autoritário com uma abordagem “prisional”, onde o aluno deve apenas cumprir as regras obrigatórias. É evidente que essa visão deveria ser desconstruída há muito tempo atrás. Antigamente a disciplina autoritária era a marca da educação, com punições severas para quem não cumprisse as regras impostas pelo próprio sistema educacional. Porém podemos perceber que mesmo com o passar do tempo essa conduta acabou criando raízes ao longo do sistema educacional, pois as mesmas punições são aplicadas apenas com uma abordagem diferente devido às leis que amparam esse aluno.

A visão da escola

A escola espera que esse adolescente tenha boas notas, um bom comportamento, seja um aluno aplicado, aprenda e não gere conflitos. Muitas vezes,

por falta de conhecimento sobre essa faixa etária, a escola acaba cobrando um amadurecimento precoce do seu aluno adolescente, através de sistemas e regras que constantemente são violadas pelos mesmos gerando grandes conflitos, devido à grande dificuldade de absorção de tais regras. O adolescente tem um espírito desafiador, acaba não aceitando esse sistema imposto, às vezes por rebeldia ou até pela dificuldade de entendê-las. Sem compreender tais comportamentos, a escola acaba pressionando esse aluno, ao invés de orientá-lo conforme é necessário.

As matrizes curriculares extensivas e a proposta pedagógica sem flexibilidade acabam tornando o ingresso no Ensino Fundamental algo desmotivador para esse adolescente, principalmente os alunos que estão iniciando a segunda fase, no 6º ano. As aulas também são um diferencial para que esse aluno seja desinteressado, dificultando esse período. Os professores, na maioria dos casos, acabam criando uma visão diferenciada do seu aluno, onde em algumas situações as dificuldades são vistas como falta de interesse. O adolescente por não conseguir compreender, acaba criando barreiras no processo de aprendizagem, onde ocorrem bloqueios emocionais e grandes frustrações. Assim, o desinteresse acaba sendo agravado quando o professor não compreende o seu aluno e acaba dificultando esse processo, além do aluno vivenciar um novo espaço-tempo no espaço escolar, com um número maior de professores e disciplinas, e um relacionamento professor-aluno mais distante.

A falta de preparo por parte de alguns profissionais envolvidos com esse adolescente só mostra que barreiras preconceituosas devem ser quebradas, pois por não saberem como agir com tais indivíduos, as ações para facilitar esse processo, acaba dificultando esse processo. Cabe a escola se tornar mais ouvinte desses alunos, pois as necessidades que ambas enfrentam podem ser sanadas quando as visões são ajustadas e o trabalho tem como objetivo as duas partes envolvidas, escola e aluno.

A visão do aluno

A visão do aluno sobre a escola vai muito além do sistema pedagógico, partindo inicialmente da própria estrutura física da escola, no qual Paulo Freire tanto defendia. A dificuldade de compreensão da escola em relação a este aluno faz com que esse aluno não aceite tal sistema, causando conflitos que geram transtornos irreparáveis, desde uma resistência a essa estrutura até a falta de interesse. Para esse aluno, a escola é vista como um ambiente “chato, desinteressante, cansativo”, pois a impressão que a escola passa é de uma grande prisão, onde o adolescente acaba gerando o sentimento de não pertencimento, não participando como agente ativo, mas de apenas cumprir a obrigatoriedade de atividades escolares.

Outro ponto a se destacar é a questão familiar. Atualmente, devido à falta de envolvimento familiar, o adolescente encontra dificuldades na convivência, causando uma insegurança e um desconforto em externalizar suas dificuldades e necessidades. A falta de confiança que o aluno tem em sua família e a dificuldade em acessar seu responsável, ou por falta de interesse do mesmo ou por falta de tempo faz com que barreiras sejam criadas para esse indivíduo, tornando-o com dificuldades de comunicação entre si. O medo de ser repreendido e punido faz com que o adolescente peça ajuda em outros meios, na tecnologia, com os amigos ou simplesmente reprima os sentimentos causadores de doenças psíquicas e até físicas. Sendo assim, o que deveria ser um local seguro e protetor, acaba se tornando em vários casos, um ambiente opressor para esse adolescente.

As cobranças também chegam do próprio círculo de amizades. Os amigos esperam que ele esteja presente e cumpra o papel de amigos dentro dos padrões exigidos pela sociedade, onde os grupos sociais são distinguidos através dos seus valores externos e materiais. Quando o adolescente não se encaixa ou não cumpre o que esses grupos esperam, ele acaba se tornando alvo de *bullying* ou desafiados a tomar medidas extremas, como o uso de entorpecentes. Dessa forma, a necessidade de pertencer a um grupo específico acaba levando esse adolescente a situações de perda de identidade e de valores que muitas vezes são disciplinados em seu contexto familiar. A dificuldade em aceitar as mudanças ocorridas em seu

corpo faz com que esse adolescente desenvolva uma batalha entre o mesmo e o espelho. Em muitas situações o próprio adolescente acaba mergulhando em uma crise de existência, gerando distúrbios emocionais, como depressão, distúrbios alimentares, crises emocionais, isolamento e até suicídio.

A sociedade aguarda que o adolescente cresça e torne-se um cidadão exemplar. E o próprio adolescente espera cumprir todas as exigências, porém quando não executa, sente-se frustrado e incapaz. A necessidade de um futuro brilhante leva o adolescente a se frustrar e desenvolver patologias que não são aguardadas para a idade deles. Todo adolescente encontra-se com um turbilhão de emoções, e dentro desse turbilhão acontecem conflitos diversos. Esses conflitos permitem que o adolescente desenvolva problemas que somam para o seu corpo, ou seja, transferem para o corpo toda a cobrança psicológica acarretando doenças que não se manifestam fisicamente, mas sim emocionalmente.

Ações pedagógicas que fazem a diferença na vida do aluno adolescente

É fundamental a compreensão de que o cérebro do adolescente está em constante borbulhar, sendo capaz de absorver informações de forma imediata em meios diferenciados, obtendo diversos tipos de aprendizagem. Segundo Içami Tiba, é necessário: “capacitar o professor a exercer o papel de orientador: ajudar o aluno a buscar, compreender, assimilar e integrar a informação para poder transformá-la em conhecimento.” (TIBA, 2010, p. 40) onde partindo dessa ideia entendemos que o professor necessita contribuir para que o aluno adolescente aprenda, porém, deve orientar para que haja um processo de formação de conhecimento, devido ao fato de o adolescente estar sempre aprendendo algo de seu interesse através das constantes informações obtidas pelos meios midiáticos, motivando-os assim de diversas formas e incentivando para que haja um resultado dessa aprendizagem.

Cabe a escola redefinir a sua ação pedagógica e sua forma de enxergar o seu aluno adolescente. Deve-se levar em conta que cada aluno tem sua particularidade e que as ações propostas devem atender a todos, porém há uma necessidade de

ajustar tais ações, criando a ideia de que educar não é uma batalha onde exista um lado vencedor e outro perdedor. É um processo que ambas as partes, a escola e o aluno, irão sair ganhando se trabalharem juntos. A escola deve mudar os meios para atender seu aluno e obter o resultado esperado, motivando-os para que o mesmo seja capaz de compreender a necessidade de aprender, recebendo a aprendizagem de maneira prazerosa. Muitas vezes, esse aluno dito como desinteressado enfrenta batalhas que mesmo a escola com todo o seu preparo pedagógico não consegue compreender e proporcionar uma ajuda a tal problema. Deve desmistificar a ideia de que o aluno adolescente é uma fonte de problema, de hormônios e estresse; mas que o adolescente em si na verdade é uma extensão da infância, com comportamentos que muitas vezes são ações retratadas na infância. Assim, mudando essa perspectiva, já iniciaremos uma jornada para melhor compreensão desse aluno.

Outro passo a ser seguido é a motivação que a escola deve causar nesses alunos com os sistemas altamente elevados e pressões psicológicas além do esperado para a sua idade, sendo elas da família, da sociedade, da escola, esperando que o adolescente assuma uma responsabilidade que não é esperada dentro de sua faixa etária. Então, o aluno adolescente chega à escola com o cérebro borbulhando de informações que atraem sua atenção, sendo a maioria descartada pela escola. Muitas das vezes, a escola tem que competir com tais informações para que haja um bom desempenho na sua vida escolar. Professores valorizando os conteúdos programáticos que a escola deve executar e que acreditam serem essenciais para a formação do ser humano, esquecendo que muitas vezes esses alunos não estejam tão amadurecidos psicologicamente.

A família exige que esse aluno seja exemplar em tudo que faz para que se obtenham resultados positivos para poder ter uma vida profissional adequada. Dessa forma, o desinteresse desse aluno acaba favorecendo a uma falta de motivação, com professores que utilizam de uma aula desinteressada e uma cobrança além da necessária e a família que não entende esse aluno e muitas vezes acabam causando conflitos entre eles. Vendo isso, cabe a escola levantar o seguinte questionamento: “o que eu devo fazer para conseguir ajudar meu aluno a

obter um melhor desempenho escolar?” Visto isso, as ações pedagógicas obterão os resultados necessários para que haja um melhor aproveitamento escolar.

A escola deve entender a necessidade de se obter uma boa relação com os seus alunos para que as ações sejam eficazes. Uma boa relação entre ambos proporcionará um ambiente agradável e prazeroso para todos, onde o aluno terá voz e a escola o escutará. Talvez o que a escola acredite ser o melhor para o seu aluno, na verdade seja um caminho sem êxito, proporcionando desafios e conflitos que poderiam ser evitados se a opinião do adolescente fosse ouvida, analisada e até mesmo executada. Dessa maneira, esse adolescente sentirá parte do corpo escolar. Além disso, a escola realmente irá conhecer o seu aluno e suas reais dificuldades, conhecendo de uma maneira que até a própria família desconhece. Essa parceria fará com que as dificuldades e conflitos sejam sanados e a convivência seja agradável.

A parceria entre família e escola é fundamental para que as dificuldades diminuam. Quando a escola e família trabalham juntas, o resultado é positivo, pois ambas irão desenvolver meios para que os conflitos sejam resolvidos de alguma forma. Com um olhar mais humano, a escola conseguirá ver além do seu aluno e compreender suas reais necessidades. Entenderá como o cérebro do seu aluno funciona e como cada um tem suas particularidades. Assim, a escola conseguirá orientar a família para que a mesma realize a sua função corretamente, que é a de acolher esse adolescente, entendendo que as necessidades do mesmo vão além de suas expectativas lançadas sobre eles, não exigindo tanto, forçando-os a exigir tanto de si mesmo e sentindo-se frustrados por não corresponderem às suas expectativas.

Outro aspecto a ser levantado é o olhar que a escola deve obter em relação ao comportamento dos seus alunos, sendo tais comportamentos adequados ao que a escola espera, ou aqueles comportamentos que vão contra a esses princípios, como rebeldias, descumprimento das regras, vandalismos, agressões físicas e verbais, etc. Em muitos casos, as pressões psicológicas influenciam o processo de aprendizagem, sendo essas influências negativas ou positivas. O olhar da escola deve ser muito além da perspectiva pedagógica, tendo como principal objetivo uma análise interna e externa desse aluno, reconhecendo cada detalhe manifestado,

desde uma brincadeira até um possível desequilíbrio emocional. Esse tipo de comportamento permite que o processo de ensino aprendizagem e as relações interpessoais aconteçam de maneira eficaz, contribuindo para um bom desenvolvimento social, biológico, psicológico e pedagógico.

É válido ressaltar que não pode haver uma generalização, pois muitos dos comportamentos nem sempre são embasados como questões psicológicas, mas como já dito anteriormente, a fase da adolescência é um processo de desafios e perturbações emocionais, que são necessárias para o desenvolvimento da sua maturidade em aspectos gerais. Segundo Corso (2018), psicanalista, em uma entrevista dada ao site G1.com, explica que: “fora alguém dizer que pensa em se matar, todos os sinais são sinais típicos da adolescência: ele está mais irritado, ganha peso, fica apático. Qual é o adolescente que não tem [um desses sintomas]? Alguns suicidas escondem muito bem. Não tem nenhum termômetro eficaz.”. Dessa maneira, as ações devem ser reajustadas constantemente, sempre com um olhar mais atualizado e voltado para o aluno como ser cidadão, como um todo, partindo do seu contexto histórico, lembrando que cada indivíduo social carrega em si uma vivência, uma perspectiva perante a sociedade, sua maneira de se relacionar com o meio e de lidar com as situações que influenciam no seu relacionamento. Respeitando assim cada atribuição, a visão da escola irá se alinhar naquilo que a tornará como um sistema eficaz, onde será desconstruída a visão de uma escola sem alegria, sem vida.

Metodologia

Foi realizada pesquisa teórico empírica no período de abril a outubro de 2019 em duas escolas públicas do município de Volta Redonda que atendem turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Foram coletados dados através de entrevistas/depoimentos com dois orientadores educacionais das respectivas unidades escolares. Em relação aos alunos do 6º ao 9º ano foi aplicado um questionário com 12 questões, sendo 10 fechadas e 2 discursivas em 12 turmas do

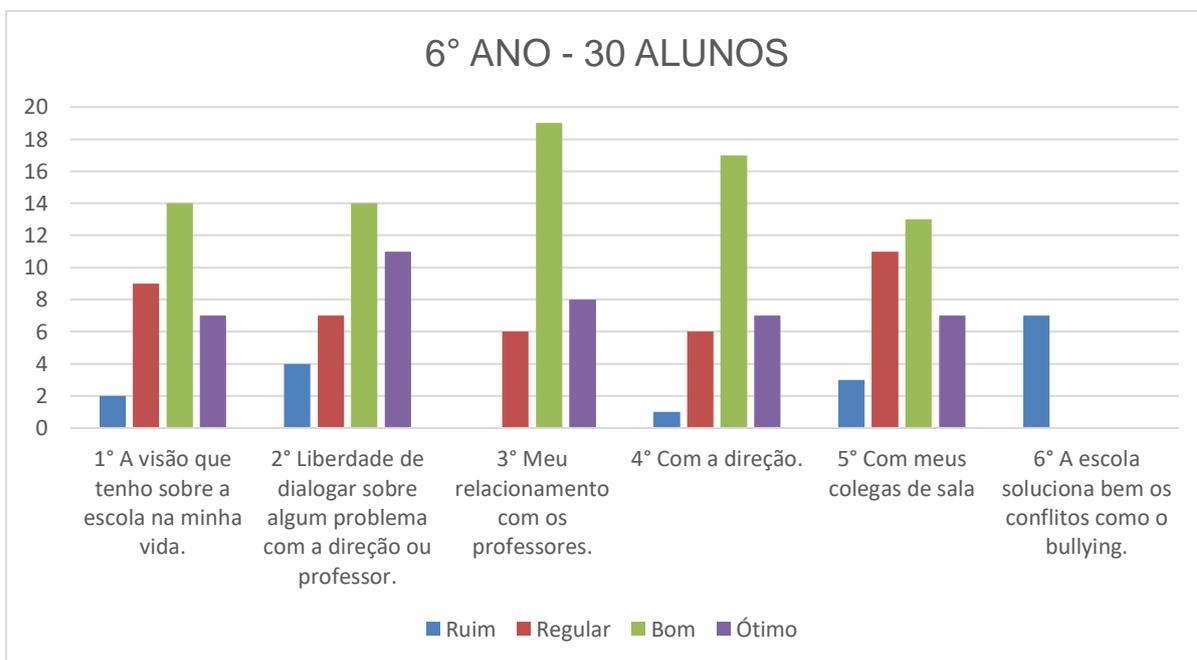
6° ao 9° ano do Ensino Fundamental, totalizando 254 alunos. Aos professores também foi aplicado um questionário com 9 questões, sendo 7 fechadas e 2 discursivas. Foram tabulados os dados em gráficos para análise dos resultados.

Resultados e discussões

Os resultados deste estudo mostram que os alunos do Ensino Fundamental II estão enfrentando conflitos emocionais relacionados às questões familiares, devido à desestrutura familiar e novas configurações no lar, além de acharem a escola desinteressante, relatando que falta diálogo entre a equipe pedagógica, professores e alunos. Muitos ainda destacaram que preferem jogos eletrônicos aos livros didáticos. Apresentou-se também, um número considerado de bullying no espaço escolar, causando-lhes tristeza e em alguns casos, levando a depressão, pois a maioria deles relatou que não é resolvido na escola. Também relataram sobre a questão de serem cobrados o tempo todo, e não conseguirem atender às expectativas dos responsáveis, levando-os a uma tristeza que não sabem lidar no dia a dia de suas vidas. Os professores relatam que os desafios são grandes, destacando-se o número excessivo de alunos por turma e a questão da matriz curricular, que muitas vezes, é extensa e são cobrados para que a mesma seja desenvolvida de forma completa, não tendo tempo para um relacionamento professor-aluno com mais “escuta” e diálogo entre os integrantes da escola.

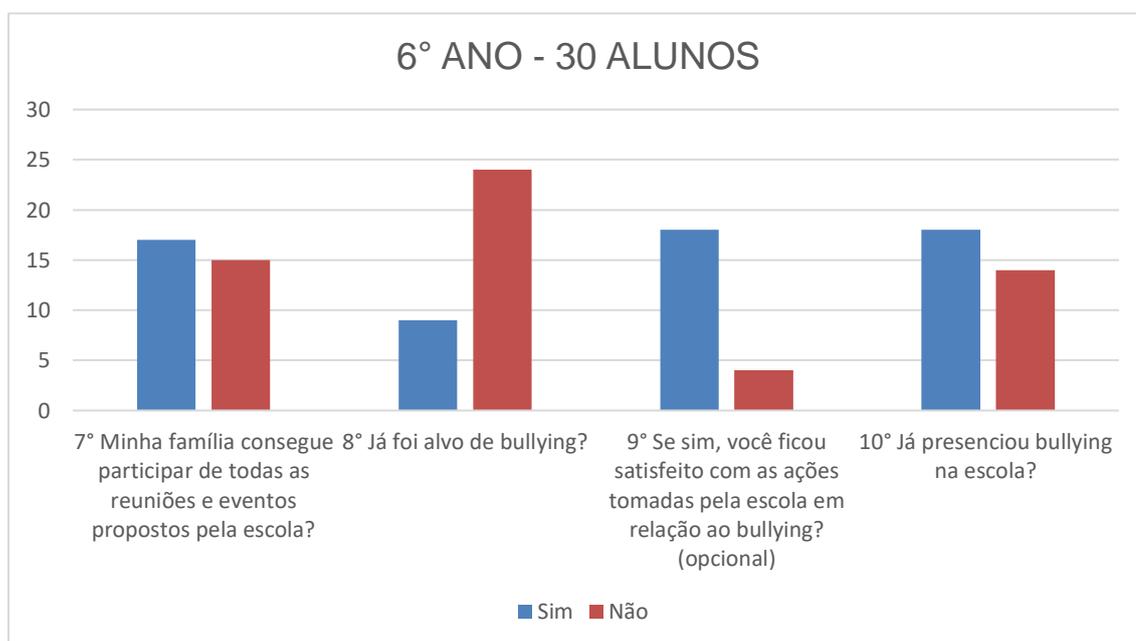
Os gráficos (Figuras 1-8) abaixo apresentam as respostas dos alunos referentes à visão dos mesmos em relação à escola.

Figura 1. Gráfico referente às questões de múltipla escolha aplicadas aos alunos do 6º ano



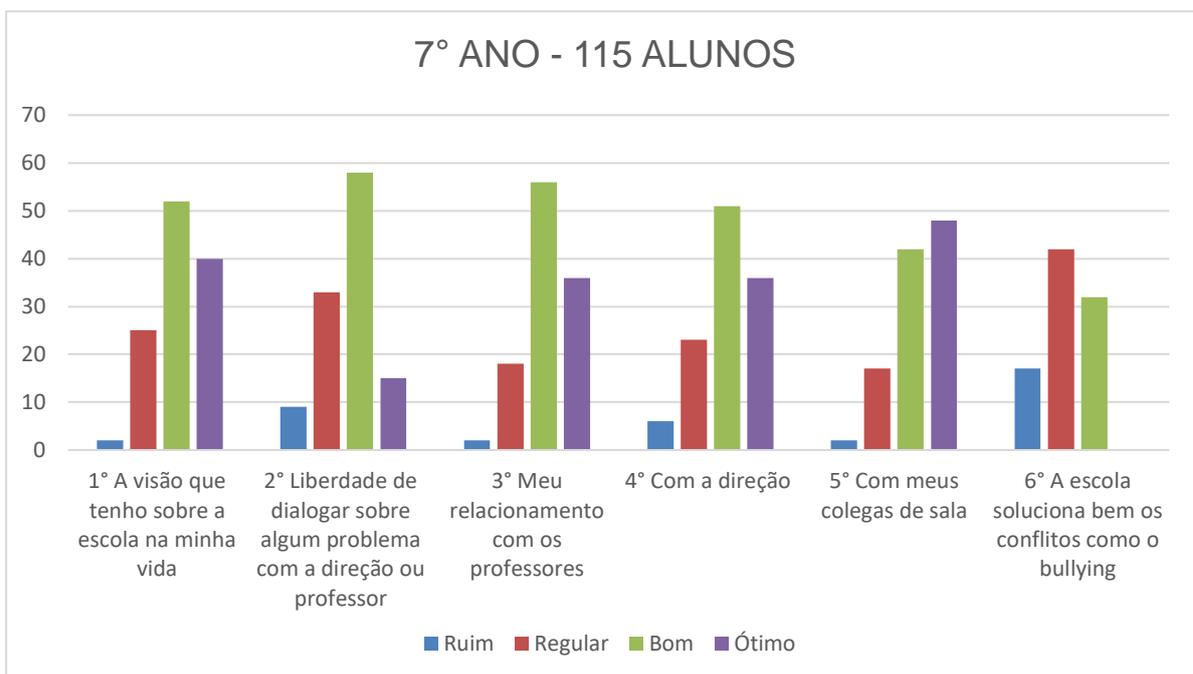
Fonte: Pesquisa dos autores

Figura 2. Gráfico referente às questões dicotômicas aplicadas aos alunos do 6º ano



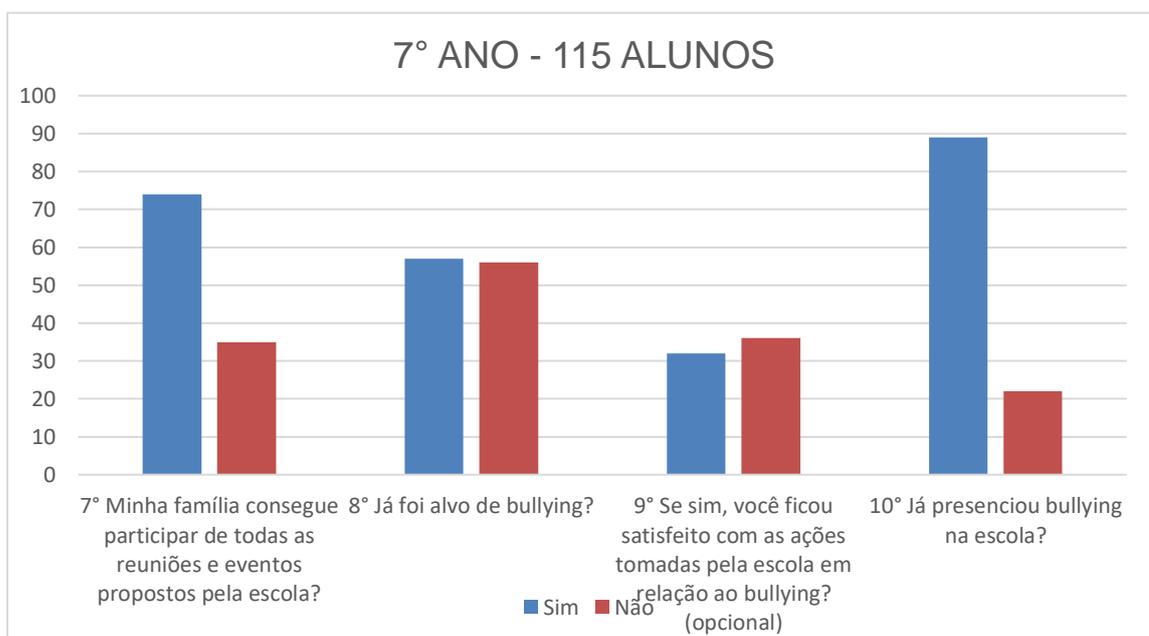
Fonte: Pesquisa dos autores

Figura 3. Gráfico referente às questões de múltipla escolha aplicadas aos alunos do 7º ano.



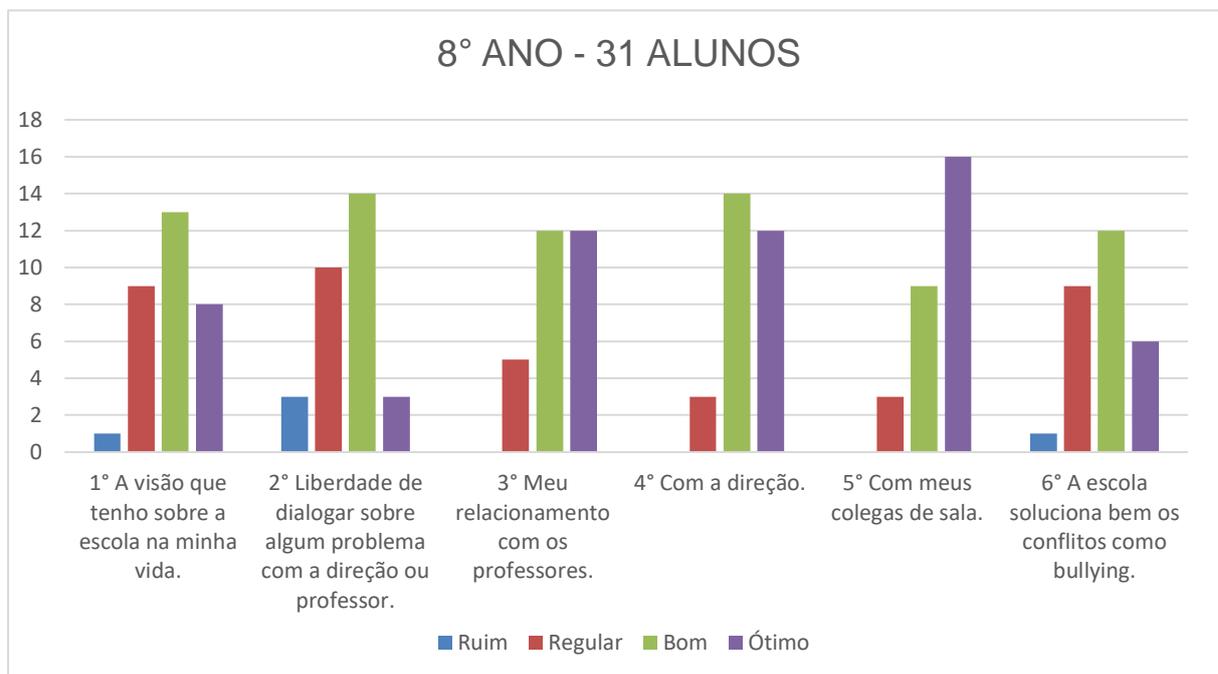
Fonte: Pesquisa dos autores

Figura 4. Gráfico referente às questões dicotômicas aplicadas aos alunos do 7º ano

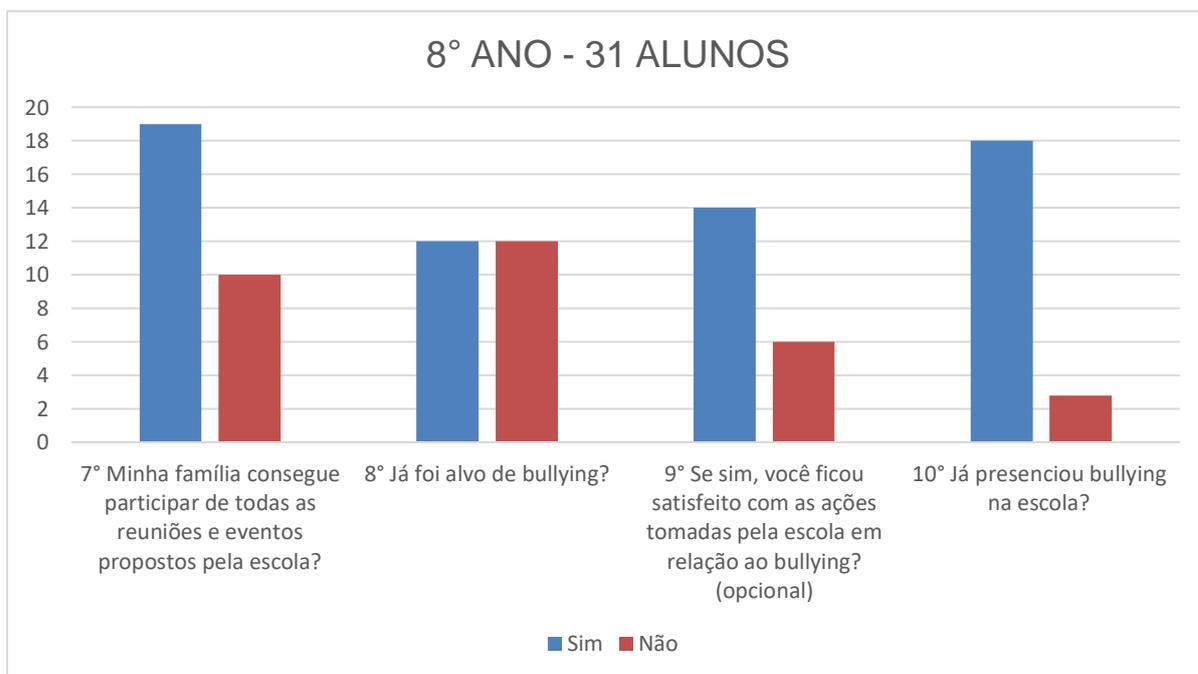


Fonte: Pesquisa dos autores

Figura 5. Gráfico referente às questões de múltipla escolha aplicadas aos alunos do 8º ano.

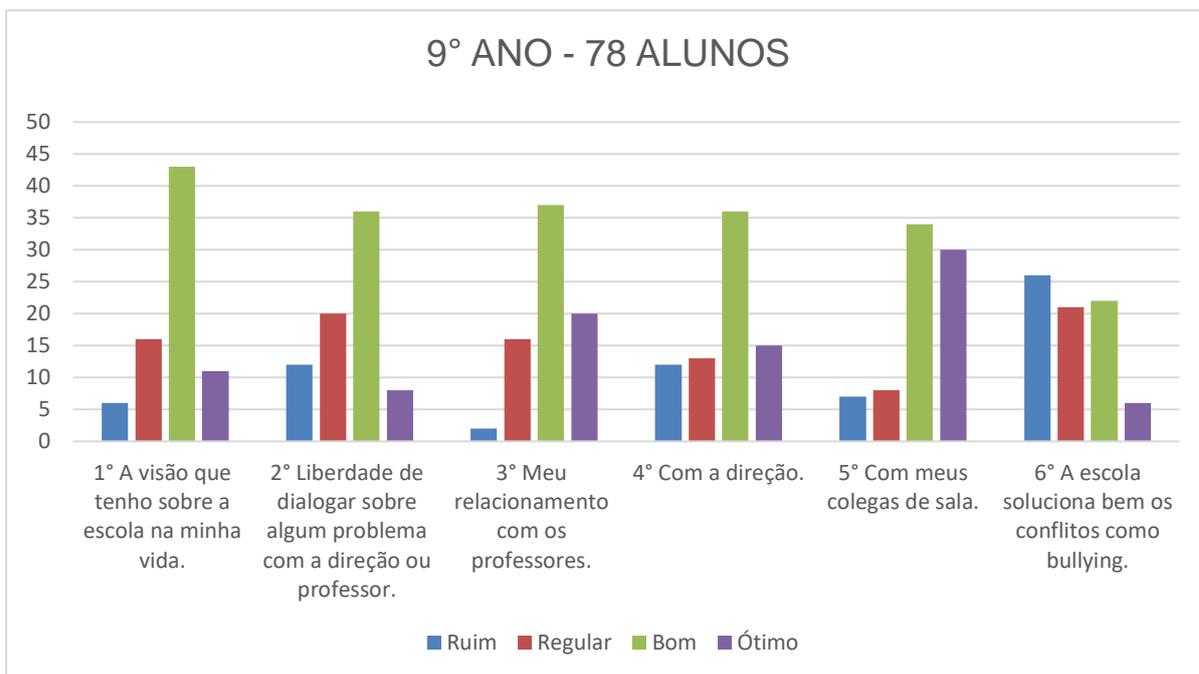


Fonte: Pesquisa dos autores



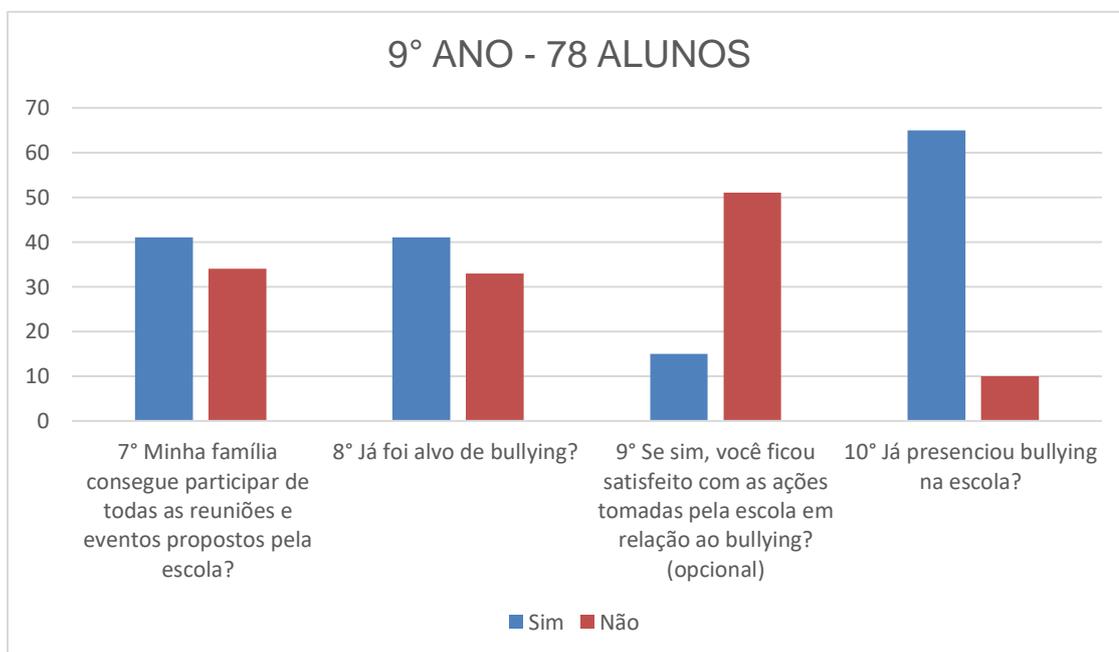
Fonte: Pesquisa dos autores

Figura 7. Gráfico referente às questões de múltipla escolha aplicadas aos alunos do 9º ano.



Fonte: Pesquisa dos autores

Figura 8. Gráfico referente às questões dicotômicas aplicadas aos alunos do 9º ano



Fonte: Pesquisa dos autores

As questões (Figuras 9-11) abaixo representam as respostas de três professores segundo o questionário aplicado.

Figura 9. Imagem de uma das questões aplicadas ao professor de Matemática.

Quais os maiores desafios que Sr(a) enfrenta no espaço escolar atualmente em relação aos alunos?

A INDISCIPLINA E O DESINTERESSE.

Fonte: Pesquisa dos autores

Figura 10. Imagem de uma das questões aplicadas à professora de Ciências.

Quais os maiores desafios que Sr(a) enfrenta no espaço escolar atualmente em relação aos alunos?

- Motivação dos alunos
- Falta de recursos pedagógicos e tempos para planejamento

Fonte: Pesquisa dos autores

Figura 11. Imagem de uma das questões aplicadas à professora de Geografia

Quais os maiores desafios que Sr(a) enfrenta no espaço escolar atualmente em relação aos alunos?

A FALTA DE APOIO DOS RESPONSÁVEIS.

Fonte: Pesquisa dos autores

Considerações finais

O estudo aponta para algumas considerações parciais que nos levam a refletir sobre a importância da discussão sobre esta temática, pois os adolescentes precisam de atenção e compreensão diante dos desafios que estão vivendo,

principalmente com as informações aceleradas e as mudanças deste século em relação a gênero, estrutura familiar e novas tecnologias.

A escola precisa acompanhar tais mudanças e ouvir urgentemente os anseios de seus alunos, pois assim a relação entre o aluno e o profissional da educação será saudável e significativa para todos. O que se busca hoje é uma escola ativa que possa fazer a diferença na vida do aluno, fazendo com que ele se sinta importante e possa ver nesta instituição um espaço de construção do conhecimento, mas também um espaço de diálogo e confiança.

Referências

CORSO, M. **Suicídio de adolescentes**: saiba como pais e educadores podem trabalhar a prevenção. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/suicidio-de-adolescentes-saiba-como-pais-e-educadores-podem-trabalhar-a-prevencao.ghtml>. Acesso em: 13 de jul. 2019.

MEIRELES, E. **Fundamental 2**: uma etapa esquecida. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/132/fundamental-2-uma-etapa-esquecida>. Acesso em: 9 mar. 2019.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa! formando cidadãos éticos**. 30 ed. São Paulo: Integrare, 2007.

_____. **Quem ama, educa!: Adolescentes**. 47 ed. São Paulo: Integrare, 201.